

Sou do bem?

sérgio sérvulo da cunha

Quando eu era jovem, imaginava que o ideal de meu comportamento era ser autêntico, isto é, fiel aos meus impulsos, que confundia com a minha natureza.

Por trás dessa atitude estava implícita a crença de que, por sua espontaneidade, a lei natural seria o melhor fundamento para as nossas ações. Além disso, ela me dava uma vantagem: a de me achar sempre certo no que fazia. O que me poupava, obviamente, de me questionar, principalmente sobre as razões dos meus atos e suas consequências.

Nessa época, não havia ainda esse hábito de se achar, ou se dizer “do bem”. Mas, se me fizessem essa pergunta, eu responderia sem hesitar que sim.

Vejo, hoje, o quanto estava enganado. Para ser “do bem”, não basta uma boa intenção. Além disso, ao agir segundo a intuição, ou o instinto, pessoas que não se perguntam sobre as próprias ações correm o risco de ser facilmente manipuladas. Toda propaganda, é sabido, se orienta segundo as paixões e os desejos do consumidor, as de que ele tem, e as de que ele não tem consciência.

Isso vale tanto para a propaganda comercial quanto para a sutil propaganda política. Daí esta dúvida: se podemos sucumbir tão facilmente ao erro, como é possível se orientar nesse mundo cheio de má-fé, desinformação, mentiras e armadilhas?

Vejo dois caminhos para andarmos com segurança. O primeiro é seguir sempre a regra áurea, seja na sua fórmula passiva (“não faça ao outro o que não queres que te façam”), seja na sua fórmula ativa (“faça, ao outro, o que queres que te façam”), desconfiando sempre dos falsos mestres, que lhes buscam exceções nos casos concretos.

Se, por algum motivo – que não enxergo – me fosse possível dizer que “sou do bem”, isso só caberia se e quando pratico, concretamente, alguma ação moralmente boa. Não devo esquecer as palavras de Cristo: “Ninguém é bom, senão só Deus” (Mc 10, 18).

Nessa perspectiva, a expressão “sou do bem” se encaixa numa retórica farisaica, construída para justificar a demonização e discriminação dos que a meu ver, “et pour cause”, são do mal.

O segundo caminho que acabei de mencionar, é o oferecido a todos pela História, mestra da vida. Aparentemente, em sociedades cada vez mais complexas, seria nenhuma a influência de pessoas comuns, como somos eu e meus vizinhos. Mas a História mostra que todos os regimes políticos, mesmo os mais aristocráticos, dependeram sempre da aprovação popular. Mostra, também, que muitas franquias e liberdades de que nos beneficiamos na democracia, podem ser destruídas (como se delineia hoje, no Brasil) porque não são naturais e automáticas como parecem. Se isso vier a acontecer, que não seja por culpa e ignorância minha. Não é lícito, a cidadãos do século XXI, desconhecer os brutais efeitos do totalitarismo, testemunhados no século XX por eles próprios ou por seus pais.

Aqueles jovens alemães, que participavam de manifestações nazistas jogando livros no fogo, acreditavam estar se tornando heróis. Mas, na verdade, estavam se embrutecendo.